

XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



DIVISÃO DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PESO DA BUROCRACIA E O OLHAR DA PRESENÇA

Mônica Reinicke Bartz
Moacir Fernando Viegas

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo Temático 05 - Trabalho, tecnologias, ética e processos formativos

O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa de mestrado, que investiga os encontros e desencontros de saberes de educadoras da educação infantil na prática educativa, e está em fase de análise dos dados produzidos. O estudo tem como objetivo principal analisar e compreender os encontros de saberes das educadoras da EI na prática educativa, a partir da perspectiva da formação e do papel de gênero na constituição desses sujeitos docentes.

A metodologia adotada nesta pesquisa teve como referência a abordagem dialética. Essa abordagem, segundo Sousa (2014, p. 2), “encara a ciência como uma construção decorrente da relação dialética entre o pesquisador e o objeto envolvidos em determinada realidade histórica”. Para o autor, na perspectiva materialista histórico-dialética, pesquisar significa refletir acerca da realidade social, tomando como referência o material e, por meio de concepções teóricas, chegar ao concreto (Sousa, 2014). A investigação teve uma abordagem qualitativa e como instrumentos de produção de dados utilizou-se a observação e a entrevista semiestruturada, realizadas com quatro professoras e quatro auxiliares de EMEI, atuantes em uma escola pública de Educação Infantil de um município do Vale do Rio Pardo – RS.

Após os procedimentos de categorização e triangulação dos dados, estão emergindo categorias como organização e divisão do trabalho, troca de saberes, saberes compartilhados, cuidado, trabalho coletivo. Neste texto, analisamos especialmente o peso das demandas burocráticas sobre as professoras e uma suposta presença maior das auxiliares junto com as crianças, no âmbito da categoria organização e divisão do trabalho, construída a partir das falas das participantes. A análise será orientada pelas contribuições de Tardif (2012), Kramer (2005), Oliveira (2011), Nóvoa (2022) e (Louro, 1997).

A organização do trabalho na Educação Infantil é atravessada por fronteiras sutis e, ao mesmo tempo, fortemente demarcadas entre os diferentes cargos que compõem o cotidiano das instituições. As falas das participantes revelam que, embora o trabalho pedagógico e o trabalho de cuidado estejam entrelaçados nas práticas diárias, a divisão formal das funções define hierarquias e responsabilidades distintas. Para as professoras, recaem a elaboração do planejamento, o cumprimento das exigências burocráticas e a condução das atividades pedagógicas, funções

que são associadas a um maior reconhecimento profissional. Já as auxiliares, exercem papel fundamental na rotina das crianças, assumindo tarefas de cuidado, organização do ambiente e apoio à execução das propostas, ainda que sua atuação permaneça, em muitos casos, invisibilizada ou secundarizada.

As narrativas das auxiliares evidenciam uma diferença significativa na forma como professoras e auxiliares vivenciam a rotina com as crianças. Enquanto as professoras se veem sobrecarregadas por demandas burocráticas, como elaboração de relatórios, registros, planejamentos e documentação pedagógica, as auxiliares, por não assumirem essas responsabilidades formais, permanecem mais próximas das crianças, acompanhando com atenção suas descobertas, gestos e interações. Essa dinâmica reforça uma divisão de trabalho que, muitas vezes, distancia a professora do espaço de experiência e de vínculo com as crianças, ao mesmo tempo em que aproxima a auxiliar do espaço de cuidado e da observação. Tal situação reflete o que Kramer (2005) e Oliveira (2011) já apontavam: o trabalho na Educação Infantil é atravessado por hierarquias e desigualdades que afetam não apenas o reconhecimento profissional, mas também a própria relação pedagógica estabelecida com as crianças.

Nesse contexto, é possível supor que a sobrecarga das professoras também é expressão de um modelo de gestão escolar que valoriza a produtividade e a visibilidade do trabalho, em detrimento da qualidade das relações. Nóvoa (2022) chama atenção para a crescente pressão sobre os professores, que passam a dedicar mais tempo a tarefas administrativas do que à interação direta com as crianças, o que empobrece o espaço da experiência e da escuta. O professor se vê, portanto, fragmentado entre o ideal pedagógico e as exigências formais do sistema educacionais. Por outro lado, o lugar da auxiliar, embora marcado por menor reconhecimento institucional, permite a vivência de um saber da presença, construído no convívio direto com as crianças. Esse saber emerge da observação atenta, da escuta diária e do gesto cuidador, constituindo uma forma de conhecimento que se dá na relação, e não apenas no planejamento. Tardif (2012) reforça que os saberes docentes são plurais e se constroem no entrelaçamento entre experiência, prática e interação. No caso das auxiliares, esses saberes se manifestam de modo sensível e intuitivo, ainda que pouco valorizados.

Neste sentido, a fala de uma das professoras revela de forma sensível como a organização institucional e a divisão do trabalho interferem na proximidade das profissionais com as crianças. Ela comenta que “a atendente trabalha seis horas e a professora quatro; o horário que a professora chega, já teve o momento do acolhimento, de escolher o que vai brincar”. Essa observação evidencia que, quando a professora inicia seu turno, parte das experiências mais espontâneas e afetivas, como o acolhimento e a brincadeira livre, já ocorreram, restando a ela a condução das atividades planejadas. Como destaca a professora: “não que ela não observe, mas acho que essa parte da brincadeira livre, do acolhimento, a professora perde e a auxiliar tem”. Essa diferença se explica, em parte, pelas distintas cargas horárias e atribuições legais entre professoras e auxiliares, definidas por leis municipais, que acabam estruturando a rotina de modo hierárquico e segmentado. Assim, a divisão do trabalho, ao mesmo tempo em que organiza o cotidiano institucional, produz distâncias simbólicas e afetivas entre os sujeitos do cuidado e da docência.

As afirmações das auxiliares revelam uma distinção significativa na relação temporal e afetiva estabelecida com as crianças. Ao afirmar que “a auxiliar consegue ter um olhar mais profundo da criança”, a educadora evidencia que o tempo de convivência e a presença contínua com a criança são elementos que possibilitam um conhecimento mais sensível e integral da infância. Essa percepção confirma o que Oliveira (2011) aponta ao discutir a organização do trabalho pedagógico, as formas como o tempo e as tarefas são distribuídos entre as profissionais da Educação Infantil produzem modos distintos de se relacionar. Enquanto as auxiliares permanecem no espaço da sala, acompanhando o ritmo e as necessidades das crianças, as professoras são frequentemente convocadas a atender às exigências burocráticas e administrativas, como “preencher planilhas” e “suprir o sistema com dados”, atividades que as afastam da vivência direta com o grupo.

Desse modo, as narrativas analisadas evidenciam não apenas uma divisão de tarefas, mas também uma divisão de tempos e de presenças. Enquanto as professoras, pressionadas por responsabilidades burocráticas, se distanciam do espaço vivido com as crianças, as auxiliares ocupam esse espaço com corpo, escuta e afeto, constituindo-se como parte essencial do trabalho pedagógico. A distinção entre o que é prescrito e o que é realmente vivido na rotina da Educação Infantil ajuda a compreender as tensões que atravessam o trabalho das professoras e das auxiliares. Cunha e Alves (2012) apontam que o trabalho prescrito é tudo que é definido antecipadamente, no caso das professoras, os planejamentos, registros e relatórios, enquanto o trabalho real se refere ao modo como essas prescrições são efetivamente realizadas, com suas adaptações, improvisos e sentidos construídos no dia a dia. Na prática, as auxiliares acabam assumindo grande parte do trabalho real, aquele que sustenta o dia a dia e permite que a rotina aconteça com fluidez, ainda que esse fazer normalmente não apareça nos documentos oficiais

Compreender o cuidado como parte constitutiva do trabalho docente implica reconhecer que ele não se restringe a uma ação assistencial, mas configura um saber construído na experiência e na relação com as crianças. Tardif (2012) destaca que os saberes profissionais são socialmente produzidos e se desenvolvem nas interações cotidianas, resultando de práticas historicamente situadas. Nesse sentido, o cuidado se constitui como um saber experiencial, construído nos gestos, nas escutas e nas formas de atenção que emergem do convívio diário. Assim, o que se observa nas falas das auxiliares é que, ao permanecerem mais próximas das crianças, elas mobilizam saberes sensíveis e relacionais que, embora frequentemente invisibilizados, são fundamentais para a construção de vínculos, para o desenvolvimento infantil e para a própria constituição dos saberes docentes no dia a dia da Educação Infantil.

Essa invisibilidade do trabalho das auxiliares também se articula a uma dimensão de gênero. Historicamente, o cuidado com crianças foi atribuído às mulheres, associado à esfera doméstica e naturalizado como extensão das tarefas domésticas (Louro, 1997). Quando esse cuidado é transposto para o espaço institucional da creche e da pré-escola, ele continua sendo visto como algo “menor”, secundário em relação à docência, o que contribui para a desvalorização simbólica e material das profissionais que o exercem. Essa herança cultural faz com que, mesmo quando as auxiliares demonstram domínio, sensibilidade e saberes complexos sobre o desenvolvimento infantil, tais competências sejam percebidas como traços pessoais e não como saberes profissionais.

Desse modo, o encontro entre os saberes da professora e da auxiliar nem sempre se estabelece de forma equilibrada. Enquanto a professora assume a formalização e a visibilidade pedagógica do trabalho, a auxiliar sustenta, as relações que possibilitam o próprio acontecimento do educativo. Conclui-se assim, que é nesse entrelaçamento, entre o formal e o vivido, que se produz a potência formativa do trabalho coletivo. Reconhecer esses saberes diversos e interdependentes é um passo essencial para repensar as hierarquias e ampliar a compreensão sobre o que significa educar na primeira infância.

PALAVRAS-CHAVE: Saberes; Organização do trabalho; Divisão do trabalho; Cuidado; Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Daisy Moreira; ALVES, Wanderson Ferreira. **Da atividade humana entre paideia e politeia: saberes, valores e trabalho docente.** Educação em revista, v. 28, n. 2, p. 17-34. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/pHkpQKprbGDx7kdnnnLcBZG/abstract/?lang=pt> Acesso em 10 de outubro de 2025.

KRAMER, Sônia. **Profissionais de Educação Infantil: gestão e formação.** São Paulo: Ática, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula.** In. Mary del Priore. (Org). História das mulheres no Brasil. 2º ed. São Paulo: Contexto e UNESP, 1997, v., p. 443-481.

NÓVOA, António. **Conhecimento profissional docente e formação de professores.** Revista Brasileira de Educação v. 27 e270129 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/TBsRtWkP7hx9ZZNWywbLjny/> Acesso em 10 de outubro de 2025.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2011.

SOUSA, José Vieira de. **O método dialético na pesquisa em educação/**organizadores Célio da Cunha, José Vieira de Sousa, Maria Abádia da Silva.- Campinas, SP. Autores Associados/Brasília, DF; Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, UnB, 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 13 ed. Petrópolis –RJ: Vozes, 2012.